

\* Mestre e Doutorando  
em Antropologia Social  
(PPGAS/ UFSC).  
Professor dos cursos de  
Psicologia e Pedagogia  
da Universidade do  
Vale do Itajaí  
(UNIVALI – Campus  
de Biguaçu, SC).

# EDUCAÇÃO: crítica hermenêutica ao paradigma tecnológico

## EDUCATION: a hermeneutical criticism of the technological paradigm

Correspondência:  
Address:  
Rua Prof. Barreiros  
Filho, n. 60, apto 201  
– Estreito.  
Florianópolis – SC.  
CEP: 88 070-350.  
E-mail:  
*[jmarcelo@univali.br](mailto:jmarcelo@univali.br)*

Marcelo José Oliveira\*

### Resumo

Pretende-se neste artigo continuar o debate sobre a rigidez e flexibilidade do conhecimento, associado à possibilidade sócio-histórica da ciência e seu caráter interpretativo, refletindo sobre a Educação e seu papel social no contexto cultural das novas tecnologias de informação.

### Abstract

This article seeks to extend the debate on the rigidity and flexibility of knowledge, associated with the socio-historical possibility of science and its interpretative character, reflecting on Education and its social role in the cultural context of new information technologies.

### Palavras-chave

Educação; Conhecimento; Tecnologias de informação.

### Keywords

Education; Knowledge; Information technologies.

Artigo recebido em:  
20/12/2005  
Aprovado em:  
10/02/2006

Indagar sobre a Educação na Modernidade remete-nos à discussão sobre o impacto desta última na compreensão daquilo que concebemos como Conhecimento e seus desdobramentos reflexivos em nosso cotidiano. O termo “modernidade” aqui proposto delimita-se com o Projeto Iluminista: o da dessacralização da sociedade, da constituição dos Estados Nação, da razão prática e empirista, da ciência e da técnica como ordenadoras do mundo, da ascensão do mercado numa economia de sociedades de massa. Com este foco, delinea-se algumas reflexões, explorando alguns aspectos semânticos da ciência.

No campo social, esquemas teóricos dão o tom das mudanças proporcionadas pelo contexto mencionado. Em fins do século XVIII e primeiras décadas do XIX, as teorias evolucionárias traçam uma visão eurocêntrica da história do homem a partir de princípios gerais permeados pela razão ocidental: esboçam uma ordem linear, gradual e progressiva da evolução humana, numa mixórdia de fatos, cujo ápice culminaria com a civilização, tendo como representante maior a sociedade europeia. Neste período, uma ordem econômica impacta o mundo: o capitalismo. A racionalização agora é a da técnica e da produção para o mercado, afetando a forma e conteúdo de muitas instituições sociais.

Marx, Durkheim e Weber, entre outros, procuram dar conta da dinâmica de transformações, interpretando a ascensão da sociedade de mercado; respectivamente, sobre as relações de produção dos bens de consumo, sobre a complexa divisão social do trabalho nas sociedades industriais, sobre o espírito ascético, racionalizado e burocrático do capitalismo. Giddens (1991) discorre sobre a reflexividade da modernidade em contraste com a tradição, argumentando o sentido do constante reexame das práticas sociais à luz de informações renovadas sobre estas mesmas práticas. Nenhuma sociedade moderna estaria poupada desta constante revisão, aplicada a todos os aspectos da vida humana. Nem a ciência escaparia disto. A razão comportaria um percurso sinuoso, comportaria a antítese.

Em tempos modernos, a certeza física do mundo choca-se com sua incerteza social. A certeza de controlar o átomo, desmembrar e impulsioná-lo em uma reação em cadeia, produtora de uma energia sem igual, não proporcionou a mesma certeza no controle de nosso destino. Para Berman (1986), ser moderno é paradoxal e contraditório: é sentir-se fortalecido por poderosas organizações burocráticas que detêm o poder de subjugar comunidades, valores e vidas e

simultaneamente sentir-se motivado em enfrentá-las com o intuito de mudar o mundo. O impulso, advindo desta inconstância, seria a mola propulsora para a produção de conhecimento e saber.

Segundo Latour (1995), a constituição do saber envolve uma força sobre outra, acrescentada, do que propriamente o aniquilamento da anterior para dar lugar a posterior. A modernidade não chega a ser uma ilusão, nem uma essência. Constitui um movimento crítico na busca de verdades científicas que superem dogmas supersticiosos. O impacto totalizador herdado do iluminismo e estabelecido como meta, principalmente a de uma razão universal, relativiza-se com a noção de que o conhecimento se constrói baseado em valores fluidos, flexíveis historicamente.

No que diz respeito à produção de conhecimentos, sobre a ciência normal e paradigmática, Kuhn (1975) leva em consideração a constituição das ciências naturais. A ciência normal seria a concepção de uma pesquisa firmemente baseada nos pressupostos anteriores da mesma ciência, mas que nunca cai na reprodução original da ciência que antecede. A ciência normal se relaciona com a noção de paradigma, visto como um corpo teórico e de práticas metodológicas compartilhadas por alguns cientistas, cuja continuação paradigmática depende de linhas determinadas de produção científica.

As transformações de um paradigma para outro implicam revoluções de conhecimento e se dão a partir de novos fatos e experiências que levam aos reexames e reinterpretações. Habermans (1989) aponta as tendências que contribuíram com o paradigma hermenêutico (interpretativo) nas Ciências Sociais nas décadas de 60 e 70, das quais indica a ascensão da epistemologia pós-empirista que abala a lógica do positivismo. Abordagem que desconstrói a perspectiva de uma ciência que pretendia estabelecer leis que regessem todos os fenômenos de natureza social. Por exemplo, o fracasso das propostas teóricas e práticas das ciências sociais: da teoria global parsoniana; da teoria econômica keynesiana sobre medidas eficazes a partir do plano político; da pretensão da psicologia em ser uma ciência exata do comportamento humano com base em elementos universais etc. Abre-se, assim, caminho para abordagens alternativas baseadas na fenomenologia, na hermenêutica filosófica, na teoria crítica entre outras. Logo em seguida, o estruturalismo na lingüística, antropologia, sociologia e psicologia possibilitam a consistência de um tipo interpretativo de ciências sociais.

Habermas (1989) discute três implicações dos procedimentos da hermenêutica: a primeira diz respeito à renúncia da posição privilegiada do observador, do sujeito da ciência, porque este se encontra envolvido na negociação (comunicação) do significado e da validade do proferimento; a segunda implicação é o confronto com a questão de auto-superação da própria dependência de sua interpretação; a terceira é a relação entre interpretação e verdade. Destas, deduz o fato de que compreender exige participação e não somente observação. A partir do momento que se observa e se emite qualquer reação sobre a observação, o observador entra em interação com o universo de interlocutores; sendo que qualquer explicação enunciada deve explicitar o significado dado dentro daquele processo de comunicação (interação) específico.

Assim, a neutralidade de valor é ameaçada e suas evidências tornam-se necessárias para a objetividade do valor teórico. Como pressuposto racional na interpretação, coloca-se que sem um conteúdo semântico de um texto, proveniente da clareza das razões que o autor levou em conta na produção deste, não é possível compreendê-lo.

Conforme Heidegger (apud VATTIMO, 1990), a essência da técnica não é realmente algo técnico, pelo fato de dissolver-se nas relações de uma sociedade transformada em organismos de comunicação: sua essência é comunicacional. Cumpre a hermenêutica verificar e atestar o nível de abstração (comunicação e linguagem) envolvido na produção do saber e sua ligação com o universo concreto de relações entre pessoas e entre as pessoas e as coisas. A interpretação puramente da técnica é substituída pela interpretação da linguagem na análise do homem como totalidade hermenêutica, relacionando-o com a tradição.

A crítica hermenêutica tem em conta a inserção da obra no contexto histórico em que surgiu e no qual se prolonga. O ser no mundo está familiarizado com uma totalidade no mundo, mas não a abarca. A significação que o homem dá ao mundo possui um contexto de referência que não comporta a totalidade, não é universal. A linguagem trabalha como mediação da experiência do indivíduo no mundo. Vattimo (1990) ainda se refere à Gadamer, de que só se pode falar uma língua historicamente determinada, na qual possuímos a experiência do mundo. Os seres humanos se articulam pela interlocução, através de discursos que possuem caracteres da racionalidade e a linguagem é entendida como racionalidade real, na qual se compartilha uma lógica

e um *ethos* tecidos na tradição. O que define uma lógica finita e histórica, longe de ser atemporal e universal; fruto do entendimento e da consciência social. Seria restrita, descritiva e retórica. A retórica como arte da persuasão, mediante discursos baseados em convicções contextualizadas numa consciência comum e numa tradição.

Verifica-se que o pressuposto de uma meta-razão parece fragmentar-se na constituição de um saber plurirracional e não isento de juízo de valor de um observador participante, de um tempo e época, idiossincrático, subjetivo, crente ou cético, com certezas e dúvidas.

A ótica hermenêutica faz da ciência um fator social da vida. As teorias científicas compõem paradigmas que, por sua vez, estão logicamente demonstrados e são aceitos sobre a base de persuasão do tipo retórica. Somos persuadidos por nossa retórica (de discurso e pensamento) e a tomamos como concreta e verdadeira; o que não deixa de ser. Mas, não podemos tomar seu conteúdo por absoluto ao tempo e ao ser. De absoluto, somente o fato de linguagem.

O sentido crítico até agora trabalhado sobre a concepção de ciência moderna talvez possa ser clareado com alguns autores que abordam uma suposta visão pós-moderna: a que rompe com aqueles pressupostos de ciência que pretende representar a realidade como ela é e se propõe a reordená-la, requerendo seu estatuto de legitimidade porque estaria submetida a rigores científicos. Os pós-modernos afirmam que a representação do real é mais uma das possíveis interpretações sobre ele e de que a ordenação da realidade nem sempre será harmoniosa e progressiva, pode ser caótica.

Harvey (1993) elucida os conceitos de modernismo e pós-modernismo enfocando discursos racionais, políticos, expressões estéticas etc., fazendo distinção entre esses dois momentos: o modernismo positivista, tecnocêntrico e racionalista, caracterizado pela crença em um progresso universal, de verdades absolutas, de padronizações do conhecimento e da produção; e o pós-modernismo que rejeita as meta-narrativas, privilegia o heterogêneo e a diferença redefinindo o discurso cultural.

A experiência do homem em sociedades capitalistas avançadas é a de uma série poderosa de presentes vividos de forma intensa devido à amplificação do real através de uma dinâmica de imagens. A imagem é inflacionada e vira texto; o texto é semiótico. A mídia agora é eletrônica:

ela copia, mixa, cria, recicla em todos os estilos num frenesi de movimentos que excita os sentidos nos mais variados níveis. Nem o saber escapa a esse frenesi. Lyotard (1986) afirma que o saber muda de estatuto ao mesmo tempo em que entra na era pós-industrial e da cultura pós-moderna. O que determina o objeto de análise é a aceitação do saber científico como discurso. Nos últimos anos os conhecimentos sobre linguagem e suas técnicas (fonologia, lingüística, semiótica, comunicação, cibernética, informática etc.) vêm ocupando importante espaço na ciência.

A multiplicação de máquinas informacionais afeta a circulação dos conhecimentos, assim como a circulação dos homens (transportes), dos sons e das imagens (mídia). O saber é produzido para ser vendido, trocado, numa relação de mercado. O autor também aponta para um campo de forças: o saber torna-se um produto importante na competição mundial pelo poder político, econômico e militar dos Estados. Saber e Poder são duas faces de uma mesma moeda e envolvem jogos de linguagem que, por sua vez, envolvem contextos e valores de uma época. O caráter sócio-econômico de um evento não é inerentemente objetivo e está condicionado a interesses difusos.

O conhecimento está relacionado com o significado cultural. O domínio do trabalho científico não estabelece conexões objetivas entre as coisas, mas somente conexões conceituais entre os problemas. O objetivo de um estudo e seus limites é determinado pelas idéias de valor que orientam o investigador... Um ser social e histórico. O pensamento científico é operado por constantes transformações que variam conforme ordem de valores e interesses individual e coletivo. Tal ordem jamais isentará os sujeitos de julgamento ou avaliação parcial, subjetiva e relativa. Isto faz parte da essência do conhecimento. A ilusão, que talvez se elucide à medida que as discussões avancem, é a de se crer que estamos agindo na razão absoluta; esquecendo nossa história diversa, nem sempre tão longe nem no tempo, nem no espaço.

Interessante esse exercício de alteridade do “estado” da razão, na condição de sujeitos da ciência, para refletirmos sobre qual campo epistemológico se fundamenta as ciências voltadas à Educação e sobre qual base histórica de discurso vem socializando seus conhecimentos. Busca-se aqui o exercício retórico de maneira a ensaiar sobre o paradigma da Educação como uma Ciência Interpretativa; já que a Educação lida fundamentalmente com os processos de linguagem e comunicação.

A Educação vista como interventora nos processo de mediação entre os sujeitos e o mundo, como provocadora daquelas habilidades e competências que proporciona instrumentos aos atores sociais para transformar e/ou manterem suas vidas. Isto é suficiente para percebermos a complexidade do problema: mediar num jogo travado entre indivíduos, grupos e instituições. Onde regras são criadas e quebradas constantemente em virtude da própria complexidade do jogo. Sem dúvida, um jogo de poder. Usando a expressão de Bourdieu (1982), um jogo que pressupõe uma “economia de trocas simbólicas”.

Com essa premissa, indaga-se o aspecto emergente do indivíduo, ressaltado por Baudrillard (1978), no qual o status de consciência autônoma, a psicologia e os conflitos pessoais caem num campo de interesses privados. Um dos aspectos que caracteriza a modernidade se dá pela exaltação cotidiana da subjetividade profunda, da paixão, da singularidade, autenticidade: da personalidade. Característica que permite a mobilidade e mudanças em vários níveis: profissional, social, sexual etc. A modernidade não é só revolução tecno-científica, implica um jogo dentro do espetáculo da vida privada e social, dentro da dimensão cotidiana da mídia, do bem estar doméstico, da conquista do espaço. Aspecto que traz à tona a complexidade da mediação.

Segue-se adiante abordando o contexto cultural, com foco nos meios de comunicação de massa e da nova mídia. A Educação constantemente é associada a atual era de transformações – das novas tecnologias de ponta no contexto da informação, das novas modalidades de comunicação, das novas ferramentas interativas da mídia –, sendo que lhe caberia a missão de estar mediando e contribuindo na formação de um sujeito crítico, autônomo e afeito aos novos postos de trabalho na sociedade de mercado. A famosa Educação para o Novo Milênio e seus jargões.

Berman (1986) nos diz que o sólido se torna fluido: fluidez de comportamento, regras e normas sociais. O indivíduo busca leis próprias, habilidade e astúcia necessárias à autopreservação, à auto-imposição, à auto-afirmação, à autoliberação. Habilita-se mais do que é habilitado. Estipula os trânsitos que melhor lhe convém, articula várias experiências em seu devir em decorrência de possibilidades fragmentadas e descontínuas, típicas das sociedades complexas.

Segundo Kellner (1992), a identidade assume tom auto-reflexivo, pessoal, móvel e sujeita às mudanças. Torna-se múltipla. Uma pessoa

pode assim construir e reconstruir sua identidade conforme sua vontade, à medida que as possibilidades se expandem. Modos de vida, valores e identidades passadas são ressignificados. Para o autor, a perspectiva pós-moderna assimila a identidade a uma maior instabilidade e fragilidade devido à extensão e complexidade das sociedades urbanas modernas. Os sujeitos são massificados e fragmentados em suas experiências subjetivas.

A cultura popular seria o espaço privilegiado dessa implosão e fragmentação do sujeito, sob a influência da indústria cultural e da mídia, em especial a televisão. A estética das mensagens dos programas de entretenimento e dos anúncios publicitários fornece um manancial de signos visuais e sonoros, compondo textos semióticos que possibilitam abstrações e interpretações várias.

Na sociedade pós-moderna as transformações não param e atingem principalmente as tecnologias dos meios de comunicação. Na década de 90, os países do chamado primeiro mundo encabeçam uma reestruturação da mídia eletrônica: da matéria prima ao produto final. Os canais fechados começam a abocanhar fatias do mercado dos canais abertos. A audiência dos canais a cabo é crescente e aponta para uma transformação da televisão. A audiência televisiva sofre uma fragmentação em decorrência de serviços oferecidos pela *internet* e outros meios tecnológicos.

A massificação de alguns produtos/meio da nova mídia produz novos padrões que dividem o mesmo espaço com a TV aberta, rádio, cinema e publicações impressas. A TV a cabo, o videocassete doméstico, o microcomputador e o acesso à rede faz com que estes padrões ocorram num período relativamente curto, propondo uma nova agenda: Quem competirá e com o quê? Produzir-se-á para quais públicos? As certezas que ficam para este novo contexto são as de se lidar constantemente com o impacto das mudanças e maior exigência do envolvimento intelectual com o meio acadêmico de habilitação na área. Cria-se uma nova elite profissional: os analistas de símbolos (DIZARD, 2000).

O novo padrão midiático incorpora elemento crítico fundamental: o computador e seu grupo de serviços. Televisão de alta definição, máquinas multimídia, satélites de transmissão direta, telefones inteligentes, aparelhos de fax de última geração, aparelhos portáteis de jornais eletrônicos e de serviços nacionais de vídeo texto etc. Os produtos não



mais se originam de poucas fontes centrais, são extremamente diversificados. Os segmentos são dos mais populares, aos mais especializados, a oferta pode ser interativa.

Os meios de comunicação de massa sofrem transformações em sua maneira tecnológica de coletar, armazenar e transmitir. A expansão da *internet* amplia a oferta de serviços numa velocidade que beira a instantaneidade, com a proposta de cobrir todos os negócios e lares: “[...] será uma ‘tubulação de informação’, presente em todos os lugares e tão necessária quanto os atuais serviços de gás e eletricidade” (DIZARD, 2000, p. 25).

Temos um novo contexto que impacta diretamente sobre a noção de cidadania e cria expectativas que movem desejos e aspirações individuais e coletivos, privados e institucionais. O crescente aumento de usuários da rede e o tempo gasto com ela fazem com que as grandes e pequenas empresas de mídia adaptem suas operações para esta realidade virtual. A internet atualmente faz parte dos planos estratégicos da indústria da mídia e de empresas de vários outros ramos. Digamos que nem todos têm acesso à rede, mas a rede tem causado impacto também na vida daqueles que não a acessam. O processo cria uma nova distinção de classes, entre os que sabem e os que não sabem explorar os acessos, e entre os que podem e os que não podem acessar os serviços. Insiro ainda a classe dos que podem e possuem claro potencial em fazer competente acesso, mas relutam em usufruir do produto.

É necessário fazer alguns questionamentos sobre os fatos e seus impactos políticos e sociais: Quem irá controlar esses canais eletrônicos? Quem decidirá qual informação estará disponível e a que custo para os consumidores? Irá a nova mídia nos unir ou nos afastar cada vez mais? Será que a nova mídia deixa claro seu papel social? Qual a “responsabilidade social” da nova mídia? Seus produtores e agentes cumprem uma agenda ética voltada à responsabilidade social?

As novas tecnologias que estão determinando o ritmo da mídia global emanam dos laboratórios dos países de economia desenvolvida e estável e são previamente aplicadas naquele ambiente. Por exemplo, a sociedade norte-americana é nutrida por um ambiente político, social e cultural que a encoraja. Nos últimos anos um dos acontecimentos que mais influenciou a transição para novos padrões midiáticos foi a

quebra do monopólio da *T&T Co.*, em 1984, possibilitando a estrutura competitiva nas telecomunicações.

A produção, armazenagem e distribuição da informação, é uma das atividades econômicas dominante; implicando, ainda, em aspectos políticos, sociais e ideológicos. A infra-estrutura de informação e comunicações é decisiva nesta economia. A ideologia nacional norte-americana de sustentação à mídia de massa vincula-se à tradição de uma legislação voltada à liberdade de expressão e de imprensa (1ª Emenda), com o adendo de que vem sendo adaptada para a nova realidade. Detalhe importante é que, de certa forma, alguns problemas de acesso vem sendo solucionados com um mercado que oferece custos compatíveis com o poder aquisitivo da maior parte da população, seja na aquisição de um jornal diário ou de um CD.

Resta-nos questionar sobre qual sustentáculo epistemológico repousaremos o Paradigma da Educação e para qual realidade sócio-econômica: global, latino-americana, sul-americana ou brasileira? O que não podemos é sair discursando apologeticamente que o que é viável lá fora será impreterivelmente viável aqui porque vivemos a era da globalização, sem ao menos contextualizar o modelo importado, sem ao menos verificar sua viabilidade e adequação num país onde ainda é uma minoria que tem acesso aos meios adequados de informação. Fiz referência ao longo do artigo sobre as bases sócio-históricas de uma ciência, devido ao fato de que esta realidade tecnológica, cultural e ideológica, em seu sentido mais crítico, não pode ser deixada de lado quando da construção e concepção do nosso Paradigma da Educação.

## Referências

- ADORNO, T. Sobre a lógica nas Ciências sociais. In COHN, G (org.) *Sociologia: Theodor Adorno*. São Paulo: Ática, 1986.
- BAUDRILLARD, J. Modernité. *Encyclopedia universalis*. Vol. 12. Paris, 1978.
- BERMAN, M. *Tudo Que É sólido Se Desmancha No Ar*. São Paulo: Cia das Letras, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- GIDDENS, A. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

- DIZARD, W. *A Nova Mídia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- HABERMAS, J. *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1989.
- HARVEY, D. *A Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1993.
- KELLNER, D. *Modernity and Identity*. Ed. By Lash an Jonathan Friedman, 1992.
- KUHN, T. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- LATOUR, B. *Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica*. São Paulo: Edit. 34, 1995.
- LYOTARD, J-F. *O Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- VATTIMO, G. *El Fin de la Modernidad: nihilismo y hermenêutica en la cultura posmoderna*. Barcelona: Gedisa, 1990.

